

## **Em Busca de Sinalizadores Discursivos de Evidências Empíricas da Permeabilidade das Dimensões Religiosa e Turística do Turismo Religioso**

**Mônica Schneider<sup>1</sup>**

**Marcia Maria Cappellano dos Santos<sup>2</sup>**

**Resumo:** O presente artigo apresenta uma breve incursão analítica sobre a permeabilidade discutida pela literatura científica entre as dimensões religiosa e turística do turismo religioso, tendo como objetivo identificar, numa romaria específica (no presente caso, a 132ª romaria ao Santuário de Nossa Senhora de Caravaggio – Farroupilha/RS), elementos discursivos passíveis de serem considerados evidências empíricas dessa permeabilidade. Os dados tomados como objeto de estudo advieram de respostas dadas por quarenta romeiros (selecionados aleatoriamente) a questões-roteiro (semipadronizadas) elaboradas para a entrevista piloto integrante do design metodológico de um projeto de Mestrado em andamento. Os resultados obtidos sinalizam uma mescla entre elementos que estão relacionados ao campo religioso (fé, devoção, promessas, bênçãos, etc.) e aqueles atinentes propriamente ao âmbito do turismo, como a estrutura e a organização das romarias. Com o desenvolvimento da pesquisa em andamento no Mestrado, estes e outros aspectos poderão vir a ser retomados, complementados e/ou redimensionados pelos aportes que advirão de análises a serem desenvolvidas.

**Palavras-chave:** Turismo religioso. Romaria. Permeabilidade das dimensões turística e religiosa.

### **Introdução**

A romaria ao Santuário de Nossa Senhora de Caravaggio caracteriza-se como um dos principais eventos, não só de Farroupilha/RS, mas também da serra gaúcha e do Estado. Iniciada por algumas famílias no ano de 1879, a romaria ao Santuário de Nossa Senhora de Caravaggio,

---

<sup>1</sup> Bacharel em Turismo, pela Universidade de Caxias do Sul. Mestranda em Turismo na Universidade de Caxias do Sul. E-mail: mschnei1@ucs.br.

<sup>2</sup> Doutora em Educação, pela Universidade Federal de São Carlos/SP. Docente, pesquisadora e coordenadora do Mestrado em Turismo da Universidade de Caxias do Sul. E-mail: mcsantos@ucs.br.

hoje, atrai mais de 300 mil romeiros ao pequeno distrito de Farroupilha, no final do mês de maio (especificamente no dia 26 de maio e no sábado e no domingo mais próximos a essa data). A primeira romaria oficial ocorreu no ano de 1925 e, ao longo dos anos, a devoção à Nossa Senhora de Caravaggio foi aumentando, e essa prática religiosa consolidou-se, atraindo um número cada vez mais expressivo e crescente de pessoas (Tonollier, 2002).

Um destaque particular, neste retrospecto, cabe ser dado à 132ª romaria, ocorrida nos dias 26, 28 e 29 de maio de 2011, oportunidade em que foi realizada uma pesquisa piloto para o desenvolvimento do projeto de mestrado “Hospitalidade na romaria ao Santuário de Nossa Senhora de Caravaggio, Farroupilha/RS: a ótica do romeiro”, em andamento. Essa edição da romaria contou com a participação de 335 mil romeiros, tendo registrado, no dia 26, a presença de 130 mil pessoas.

Em sendo uma romaria, pressupõe deslocamento em cuja motivação, grosso modo, estaria uma devoção, ou a busca de experienciar uma relação com o sagrado. Nisso se delinea, por um lado, uma aproximação dessa prática com conceitos de turismo centrados no deslocamento – este encerrando uma busca pelo novo, pelo outro; por outro lado, uma aproximação com o que se tem denominado de turismo religioso. O vínculo com o turismo também poderia estar relacionado ao fato de a romaria abarcar: espaços físicos; uma estrutura receptiva (serviços de hospedagem, de restauração, de transporte, de agenciamento, de saúde, de segurança, entre outros) e organizacional (estrutura essa atinente à atividade turística); bem como a própria comunidade local.

No que se refere ao termo “turismo religioso”, este pode remeter, inicialmente, a duas noções que poderiam ser entendidas como contrárias: o turismo, com seus aspectos profanos (lazer, prazer, entretenimento e descontração) e o fenômeno religioso, com suas obrigações espirituais (Oliveira, 2008). Assim, aqueles que vivenciam o fenômeno religioso não poderiam, ao mesmo tempo, estar praticando turismo. Todavia, essa incompatibilidade estaria subsumida na aproximação entre turismo e religião, uma vez que esta e suas manifestações de fé podem/necessitam absorver bases e estruturas do fazer turístico. Dito de outra forma, “Trata-se de um fazer turístico capaz de manifestar algum dado de religiosidade” (Oliveira, 2008, p. 1).

Em assim sendo, valendo-se de alguns dos dados coletados na pesquisa piloto anteriormente mencionada, o presente artigo volta-se para a identificação, numa romaria específica (no presente caso, a 132ª romaria ao Santuário de Nossa Senhora de Caravaggio), de elementos discursivos passíveis de serem considerados evidências empíricas dessa permeabilidade do turismo e da religião. Tendo em vista a consecução desse objetivo, faz-se oportuno, pois, pontuar algumas abordagens teóricas aqui trazidas como referentes analíticos.

## **Turismo religioso**

A denominação do turismo como religioso encerra várias discussões, que surgem na tentativa de compreender sua identidade, suas motivações, entre outros aspectos que o envolvem. Sob esse enfoque, o turismo religioso, assim como o próprio turismo, apresenta-se como um fenômeno múltiplo, de caráter complexo, abrangendo diferentes significados e motivações e podendo ser analisado e compreendido por meio de abordagens diversas. Nesse sentido, recorrendo a Ribeiro (2003, pp. 2-3), tem-se que a “[...] institucionalização do turismo está intimamente ligada às peregrinações [...]”, as quais, no decurso do tempo, foram acompanhadas pelo surgimento de pousadas, hospedarias na beira de caminhos, povoados, portos e cidades. Nesses locais os peregrinos pernoitavam, descansavam, alimentavam-se e, até mesmo, encontravam mantimentos para prosseguir viagem.

Dividindo esse mesmo entendimento, Abumanssur (2003, p. 53) destaca o âmbito histórico das relações entre religião e turismo, referindo que o ser humano sempre se deslocou em busca do sagrado para adorá-lo, consultá-lo, festejá-lo ou conhecê-lo. E esse deslocamento levou ao desenvolvimento de uma estrutura de hospedagem e acolhimento. Relembra o autor que nos próprios relatos bíblicos, “[...] observa-se que a religião, com suas exigências e interditos, favoreceu o comércio em torno dos santuários”.

Ainda seguindo uma perspectiva histórica, Nadais (2010) menciona o autor Secall (2009) para explicar que o turismo religioso originou-se a partir dos deslocamentos para celebrar

episódios litúrgicos ligados aos ciclos agrícolas. De toda forma, evidencia que este não pode ser igualado a qualquer outra atividade turística, em vista do seu caráter espiritual.

É possível perceber, nessas citações, interfaces existentes entre fé/religião e deslocamento/turismo. Dessa forma, pode-se dizer que a história da humanidade foi, em parte, acompanhada pelo fenômeno religioso, representado pela fé, pela devoção e pelas peregrinações. Também, em torno desse fenômeno, observa-se a necessidade de uma estrutura de hospitalidade, para atender aos que dele participavam.

Carneiro (2004, p. 72), fazendo alusão aos estudos de Dean MacCannell (1976), cita que, “[...] o turismo moderno pode ser visto como uma continuação das peregrinações tradicionais, carregando sentidos e valores que em outros momentos estiveram condensados nesta experiência religiosa”, o que se aproxima aos dizeres de Oliveira (2004, p. 13): “O turismo religioso tem sua origem no exercício contemporâneo da peregrinação”. Sob esse prisma, ainda de acordo com o autor, a peregrinação, como uma forma de expressão de fé, começou a ser tratada recentemente como turismo religioso, representando uma nova forma de percepção para um fenômeno milenar.

Complementando essa ideia, Silveira (2004) chama a atenção para o surgimento igualmente recente do termo “turismo religioso”, considerando que a sua utilização vem aumentando e envolvendo setores ligados à reflexão acadêmica sobre o turismo, empresários do setor e a própria Igreja Católica. Nesse sentido, no que se refere à conceituação, em caráter oficial, o turismo religioso é definido, segundo a Conferência Mundial de Roma – 1960,

[...] como uma organização que movimenta inúmeros peregrinos em viagens pelos mistérios da fé ou da devoção a algum santo. A sua prática efetiva realiza-se de diversas maneiras: as peregrinações aos locais sagrados, as festas religiosas que são celebradas periodicamente, os espetáculos e as representações teatrais de cunho religioso, e os congressos, encontros e seminários ligados à evangelização (Ribeiro, 2003, p. 3).

Contudo, mesmo havendo uma definição “oficial” para o turismo religioso, as indagações e dúvidas, no que se refere à sua conceituação, estão sempre presentes nos estudos e nas discussões sobre o tema, não se estabelecendo, assim, um consenso a respeito das práticas que envolvem turismo e religião. Também, a densidade dos aspectos inerentes às relações entre

religião e turismo (capazes de reunir, em um só evento, peregrinações calcadas em raízes históricas, costumes e rituais, bem como a gestão dos equipamentos e serviços) têm mobilizado muitos estudiosos e pesquisadores, promovendo a reflexão acadêmica sobre a temática.

Nas palavras do Cardeal D. Eugênio Salles (2000 apud Oliveira, 2003, pp. 123-124), “O turismo religioso não é propriamente uma excursão nem um passeio, mas uma viagem inspirada pela fé, que toma o nome de peregrinação”. Além desse aspecto, o Cardeal lembra alguns traços importantes do autêntico peregrino, como a disposição para rezar e refletir, a busca pelo abandono de maus hábitos, como o comodismo e o egoísmo, o exercício da caridade fraterna, entre outras características. Segundo o Cardeal, a peregrinação, sob o ponto de vista da igreja católica, é válida na atualidade se assim for concebida.

Contrapondo ao ponto de vista de um representante da Igreja Católica, caberia agora citar a definição de turismo religioso na visão de um estudioso da área do turismo. Sendo assim, para Beni (2007), o turismo religioso estaria no deslocamento de peregrinos que buscam centros religiosos motivados pela fé em distintas crenças, e que assumem um comportamento de consumo turístico. Portanto, nesse entendimento, um peregrino pode ser considerado um turista religioso, na medida em que este atualiza a prática da peregrinação adaptando sua viagem (total ou parcialmente) às características do processo turístico (Oliveira, 2004).

Destacando o caráter religioso dessa modalidade de turismo, Maio (2004, p. 55), reportando-se a Dias e Silveira (2003), propõe o entendimento de turismo religioso como “[...] aquele empreendido por pessoas que se deslocam por motivações religiosas e/ou para participarem de eventos de caráter religioso. Compreendem romarias, peregrinações e visitações a espaços, festas, espetáculos e atividades religiosas”. Igualmente, Nadais (2010) interpreta o turismo religioso como aquele que envolve deslocamentos por motivos primordiais de fé, podendo abarcar outras motivações. A autora entende, então, que são as necessidades humanas, tanto antigas quanto atuais, que promovem o surgimento do turismo religioso.

Complementando essas ideias, Oliveira (2008) lembra que o termo “turismo religioso”, inicialmente, remete a duas noções que são contrárias, o turismo, com seus aspectos “profanos” (lazer, prazer, entretenimento e descontração) e o fenômeno religioso, com suas obrigações

espirituais. Assim, o autor refere que, no pensamento de muitas pessoas, aqueles que vivenciam o fenômeno religioso não podem, ao mesmo tempo, estar praticando turismo.

Todavia, para Oliveira (2008, p. 1), tem-se um turismo religioso a partir do momento em que “[...] a própria realidade religiosa – a manifestação pública e coletiva da fé, - absorva bases e estruturas do fazer turístico”. Logo, na opinião do autor, o turismo religioso pode ser definido como “o tipo de viagem que nasce de diferentes motivações religiosas” (Oliveira, 2008, p. 1). Tanto a experiência turística quanto a religiosa podem se imbricar em um mesmo contexto (Steil & Carneiro, 2008). Desse modo, Oliveira (2008, p. 1) afirma que a correta definição para esse tipo de turismo estaria na aproximação entre o turismo e a religião, ou seja, “Trata-se de um fazer turístico capaz de manifestar algum dado de religiosidade”. Assim, o autor entende que, por meio da religiosidade, o turismo religioso pode ser comparado às peregrinações e às romarias.

Enfatizando, então, o caráter religioso dessa modalidade de turismo, a exemplo de outros estudiosos, na compreensão de Oliveira (2004, p. 16, grifo do autor) “*O turismo religioso é aquele turismo que não perdeu sua raiz peregrina e continua motivado pelo exercício místico da celebração*”. Conforme o autor, “Isso significa que a festa religiosa contém e explica a multiplicidade de lugares sagrados, nas mais diversas religiões do planeta. Em outras palavras, o *turismo religioso é um turismo motivado por celebração*” (Oliveira, 2004, p. 16, grifo do autor).

Logo, o turismo religioso poderia ser entendido como “[...] *uma peregrinação contemporânea motivada por celebrações relacionadas direta ou indiretamente com a cultura cristã*” (Oliveira, 2004, p. 18, grifo do autor). Assim, Oliveira (2004), considera que essa é a característica que mais se sobressai na identificação do turismo religioso com a peregrinação e que, da mesma forma, permite diferenciá-lo de outros tipos de turismo. Nessa perspectiva, o autor adverte ser essencial a compreensão de que o turismo religioso não é de religiosos, nem de religião. Trata-se de um turismo motivado pela religiosidade, pela cultura religiosa, não importando onde esta se manifeste (meio rural, natural ou urbano), tampouco se no cotidiano ou em momentos festivos (com ou sem profissionalismo) (Oliveira, 2004).

Tendo em conta essas considerações, é possível constatar que, no universo conceitual de turismo religioso estariam presentes estruturas e consumo turísticos, mas primordialmente, os

elementos “fé” e “religiosidade”, ainda que se leve em conta mudanças na forma como hoje se vive a religiosidade.

Assim, as práticas religiosas não poderiam, hoje, ser concebidas da mesma forma que no passado. O turismo religioso, como fenômeno complexo, abrange e integra muitas formas de vivências, podendo reunir, ao mesmo tempo, em seus espaços, experiências diversas, porém, ao se falar em turismo religioso, a religiosidade passa a ser permeada pelo fazer turístico, e o fazer turístico, pela religiosidade.

Essa permeabilidade reflete-se também na caracterização dos sujeitos do turismo religioso: o peregrino, o turista, o peregrino-turista ou o turista-peregrino. Salienta Nadais (2010), com base nos estudos de Santos (2006), que o peregrino apresentaria uma motivação mais religiosa (aproximando-se mais do sagrado), organizando sua própria viagem; o turista teria, geralmente, sua viagem organizada (por agências de turismo ou organismos religiosos) e vivenciaria uma experiência com características mais históricas, culturais, de caráter estético e espiritual (visando também o contato com o profano). No entanto, a autora remete para o fato de esses sujeitos, em certa medida, possuírem também aspectos comuns (como o deslocamento voluntário, a utilização das mesmas vias, a atração por lugares religiosos). Além disso, reconhecendo a dificuldade de se estabelecerem definições, Nadais (2010) acrescenta que esses sujeitos podem, ao longo da viagem, assumir comportamentos intermediários ou até mesmo trocar de posições. Desse modo, o turista religioso apresenta comportamentos e assume práticas que correspondem tanto ao turismo quanto à religião.

Assim, as práticas devocionais, bem como o comportamento das pessoas seriam, de fato, o que permite denominá-las de turista, peregrino, romeiro, ou qualquer outra designação que esteja em conformidade com os seus propósitos (Oliveira, 2003).

Para uma abordagem-síntese das considerações até aqui trazidas a respeito do turismo religioso, poder-se-ia assim dizer, buscando respaldo em Steil e Carneiro (2008), que o contexto turístico-religioso configura-se de forma plural, e que, nem sempre, é possível delinear de maneira clara os seus contornos. Revelam-se múltiplas possibilidades de arranjos entre religião e turismo, campos sociais cujas fronteiras se tornaram porosas, fluidas. Desse modo, o turismo religioso

conjugaria elementos religiosos e turísticos, colocando-os em permanente diálogo, sem que haja o predomínio de um sobre o outro (Carneiro, 2004).

## **Da coleta à análise dos dados**

Os dados aqui tomados como objeto de estudo advieram de respostas dadas por quarenta romeiros (selecionados aleatoriamente) a questões-roteiro (semipadronizadas) elaboradas para a entrevista piloto integrante do *design* metodológico do projeto de Mestrado. Foram examinadas, dentro do escopo do presente trabalho, aquelas referentes às questões: (a) O que é, para você, vir aqui a Caravaggio? O que isso significa/representa?; (b) Em relação às outras romarias, o que você acha que melhorou neste ano? – para os que já teriam participado do evento religioso; (c) Você teria alguma sugestão para as próximas romarias?

Em relação à primeira pergunta, as verbalizações do romeiro situam, no centro dessa mobilização, desse movimento, a “Santa Milagrosa” e o desejo de estar junto/perto dela. Nessa mobilização, verifica-se uma busca pelo encontro com a Santa, no qual se processa, de um lado, o desejo de viver a fé/crença, a devoção, a emoção e, de igual modo, de rezar, de agradecer, de pedir, de fazer/pagar promessas, entre outros aspectos; e, de outro lado, nesse encontro, a confiança no retorno que lhe será dado, expresso sob a forma de conforto, proteção, paz, renovação, desligamento de tudo, esperança, renovação da energia, alimento para a alma, referências para a vida (direção), estado de graça, sensação de bem-estar (bom para a alma, para a cabeça e para o corpo), alívio na consciência, etc. A título ilustrativo, poderiam ser mencionadas algumas verbalizações dos sujeitos entrevistados, como: “Fé, fé para seguir em frente, esperança”; “Ter fé, agradecer, um conforto, proteção”; “É estar junto dela, a fé, a devoção, as graças que a gente alcança. Agradecer, não só vir pedir, mas também agradecer tudo que ela proporciona pra nós”; “Dá uma paz na gente. É uma hora que a gente se desliga de tudo e se concentra só numa coisa”; “É o alimento da alma. Fortalecimento da fé. Pilastras da vida para referência, direção”; “Para mim é tudo bom, é maravilhoso, é uma emoção”; “É um lugar que me sinto bem, é um lugar de paz”; “Eu venho pelas promessas que eu faço, porque eu acredito na Santa”; “É a fé, a vontade





A alimentação desse ciclo não se mostra vinculada à incidência de participações na romaria, uma vez que as respostas obtidas se equivalem, seja a daqueles participantes pela primeira vez (um único romeiro), por múltiplas vezes (onze incidências), ou então, em todos os anos (duas incidências). Grande parte dos romeiros não consegue precisar o número de vezes em se fez presente. Em suma, doze pessoas ali estiveram de duas a cinco vezes; oito, de seis a dez vezes; três, de onze a quinze vezes; e, igualmente, três pessoas, dezesseis vezes ou mais.

Esse mesmo quadro se aplica em relação à faixa etária dos entrevistados, ou ao respectivo local de procedência, isto é, as respostas não possuem relação/vínculo direto com essas características, pois elas são reincidentes e independem da procedência ou da idade. Dos quarenta entrevistados, todos eram provenientes de cidades do Estado do Rio Grande do Sul, sendo que a cidade que mais se destacou foi Caxias do Sul, com vinte e seis representantes. Já, o município de Farroupilha (sede da romaria) contou com a participação de cinco sujeitos. Outros municípios, como Rolante e Dois Irmãos foram representados, cada um deles, por dois sujeitos, e as cidades de São Leopoldo, Vacaria, Veranópolis, Porto Alegre e Campo Bom, foram representadas cada uma por um sujeito.

Complementarmente, quanto à faixa etária dos entrevistados, esta se apresentou, de certa forma, equilibrada, uma vez que, dos quarenta sujeitos entrevistados, um situa-se na idade compreendida entre os 15 aos 19 anos; cinco entre 20 e 29 anos; e dez na faixa de 60 anos ou mais. As idades correspondentes às faixas etárias de 30 até 39 anos, 40 até 49 anos e 50 até 59 anos, tiveram, cada uma delas, oito representantes. Disso é possível depreender que participam da romaria pessoas de todas as idades, destacando-se aquelas que possuem mais do que trinta anos e, sobretudo as que possuem sessenta anos ou mais – o que não se reflete no significado que é por eles conferido à romaria.

Já, no que se refere à percepção de melhorias em relação às outras romarias, os elementos apontados nas respostas, na sua maior parte, dizem respeito a aspectos estruturais e organizacionais, como, por exemplo, limpeza, transporte, policiamento, postos de água, banheiros, passagens de ônibus, lanches, recolhimento do lixo, segurança, lugares para ficar,

atendimento médico, entre outros. As próprias categorias “organização” e “estrutura” foram citadas, respectivamente oito e quatro vezes. Também, alguns dos entrevistados mencionaram que não perceberam melhorias ou que está tudo bom/ótimo, ou ainda, que cada vez/ano “está melhorando”.

A mesma situação pode ser observada no quesito “sugestões para as próximas romarias”. Grande parte das respostas vincula-se a elementos estruturais/organizacionais, como a melhoria dos ônibus/transporte e dos banheiros, a disponibilização de mais pontos de ambulância/socorro médico e de mesas mais ao sol, a melhoria do acesso até o santuário, entre outros. Além disso, alguns entrevistados referiram que não vêm pelas melhorias, ou então, que seria importante aprimorar o que já está bom. Contudo, a maioria das verbalizações aponta para a inexistência de sugestões, o que se identificou vinte e seis vezes, no total de quarenta entrevistas. Apenas um sujeito mencionou sugestões relacionadas com aspectos religiosos, referindo que, em virtude de as missas estarem superlotadas, seria bom que fosse possível “ouvir as missas no santuário pequenininho” (situado ao lado do atual santuário).

A partir, pois, das verbalizações examinadas, ainda que não exaustivamente, poder-se-ia afirmar que nelas se encontram sinalizadores empíricos da permeabilidade das dimensões “turismo” e “religião” no binômio “turismo religioso”, de acordo com o que é apontado na literatura tomada como referência, na medida em que se percebe, nas entrevistas realizadas, uma mescla entre elementos que estão relacionados ao campo religioso (fé, devoção, promessas, bênçãos, etc.) e aqueles atinentes ao âmbito do turismo, como a estrutura e a organização da romaria, corroborando o pensamento de Oliveira (2008, p. 1), para o qual se tem turismo religioso a partir do momento em que “[...] a própria realidade religiosa – a manifestação pública e coletiva da fé, - absorve bases e estruturas do fazer turístico”.

## **Considerações Finais**

Se, como já referido, as evidências empíricas apontadas nesta breve incursão analítica vêm corroborar a permeabilidade, na prática da romaria, das dimensões religiosa e turística, elas

também trazem à reflexão a importância de tê-las presente quando do planejamento e da implementação de ações para a sua efetivação, nos âmbitos público, privado e religioso. Essa perspectiva está hoje permeando princípios e ações empreendidas pela própria Pastoral do Turismo.

Para esta, a motivação de muitos que procuram os santuários estaria afeta não somente ao sentimento religioso, mas também a aspectos culturais, históricos ou de descanso (CNBB, 2009). Contudo, se, tanto o peregrino quanto o turista que viaja em busca de conhecer novas terras, culturas e pessoas, lugares de tradições religiosas ou de celebrações, usufruem de meios de transporte, serviços de hospedagem e restauração, adquirem objetos e lembranças, ao peregrino e ao turista também é possível criar condições para o desencadear/o fortalecer de uma experiência religiosa, de busca do transcendente. Nisso, papel fundamental desempenhariam as relações de acolhimento construídas entre o destino e seus atores e o turista/peregrino, ou seja, nos termos da Pastoral, oferecendo-lhes indistintamente a hospitalidade cristã para promover os valores humanos e espirituais que o turismo pode favorecer (CNBB, 2009).

Com o desenvolvimento da pesquisa em andamento no Mestrado, estes e outros aspectos poderão vir a ser retomados, complementados e/ou redimensionados pelos aportes que advirão de análises que serão desenvolvidas numa abordagem de maior profundidade.

## Referências

- Abumanssur, E. S. (2003). Religião e turismo. Notas sobre as deambulações religiosas. In E. S. Abumanssur (Org.). *Turismo religioso. Ensaios antropológicos sobre religião e turismo*. Campinas: Papirus.
- Beni, M. C. (2007) *Análise estrutural do turismo*. (12ª ed). São Paulo: Senac São Paulo.
- Carneiro, S. M. C. de S. (2004). Novas peregrinações brasileiras e suas interfaces com o turismo. *Ciências Sociais e Religião*, 6(6), 71-100. Recuperado em 29 abril, 2010, de <http://seer.ufrgs.br/index.php/CienciasSociaisReligiao/article/viewArticle/2267>.
- CNBB. (2009). *Pastoral do Turismo. Desafios e perspectivas*. Brasília: Edições CNBB.
- Maio, C. A. (2004). Turismo religioso e desenvolvimento local. *Publicatio UEPG. Ciências Humanas, Ciências Sociais Aplicadas, Linguística, Letras e Artes*, 12(1). Recuperado em 29 abril, 2010, de <http://www.revistas2.uepg.br/index.php/humanas/article/viewFile/503/505>.

Nadais, C. D. F. (2010). *O turismo e os territórios da espiritualidade. Os caminhos de Santiago em Portugal*. Dissertação de Mestrado, Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, Programa de Pós-Graduação em Lazer, Patrimônio e Desenvolvimento, Coimbra, Portugal. Recuperado em 12 julho, 2011, de [https://estudogeral.sib.uc.pt/bitstream/10316/15370/1/Disserta%C3%A7%C3%A3o%20mestrado\\_Catarina%20Nadais.pdf](https://estudogeral.sib.uc.pt/bitstream/10316/15370/1/Disserta%C3%A7%C3%A3o%20mestrado_Catarina%20Nadais.pdf).

Oliveira, C. D. M. de. (2003) Turismo, monumentalidade e gestão. Escalas e dimensões da visitação religiosa contemporânea. In E. S. Abumanssur. *Turismo religioso. Ensaios antropológicos sobre religião e turismo*. Campinas: Papyrus.

Oliveira, C. D. M. de. (2004). *Turismo religioso*. São Paulo: Aleph.

Oliveira, C. D. M. de. (2008). Turismo religioso. Uma breve apresentação. *Jornal O Lince*, 2(14). Recuperado em 06 setembro, 2011, de [http://www.jornalolince.com.br/2008/fev/agora/turismoreligioso\\_jornalolince\\_edicao14.pdf](http://www.jornalolince.com.br/2008/fev/agora/turismoreligioso_jornalolince_edicao14.pdf).

Ribeiro, H. (2003). Andar com fé e o sentido do chegar. *Caderno Virtual de Turismo*. 3(1), 1-7. Recuperado em 19 abril, 2010, de <http://www.ivt.coppe.ufrj.br/caderno/ojs/viewarticle.php?id=25&layout=abstract>.

Silveira, E. J. S. da. (2004). Turismo religioso popular? Entre a ambigüidade conceitual e as oportunidades de mercado. *Revista de Antropologia Experimental*. (4), 1-16. Recuperado em 19 abril, 2010, de <http://www.ujaen.es/huesped/rae/articulos2004/sena2004.pdf>.

Steil, C. A., & Carneiro, S. de S. (2008). Peregrinação, turismo e nova era. Caminhos de Santiago de Compostela no Brasil. *Religião e Sociedade*. 1(28), 105-124. Recuperado em 12 julho, 2011, <http://www.iser.org.br/religioesociedade/public.html>.

Tonollier, V. (2002). *Por uma graça alcançada. A história de Nossa Senhora de Caravaggio*. Farroupilha: Jornal O Farroupilha.